

MULHERES, TERRITÓRIOS E MEIO AMBIENTE POR ELAS.

Documento baseado no evento on-line promovido por:

ECOIA – ECOLOGIA E AÇÃO, CerraPan – Rede de Mulheres Produtoras do Cerrado e Pantanal, Rede Pantanal, Observatório do Pantanal, Projeto ECCOS, IEB – Instituto Internacional de Educação do Brasil/CPEF Cerrado – Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos, Rede Cerrado, Action Aid e pela Campanha Nacional em Defesa do Cerrado.

Na semana em que se celebra o **Dia Mundial do Meio Ambiente**, 5 de junho, foram promovidos quatro encontros virtuais para tratar do **desmatamento, queimadas, crises ambientais** e a **agenda gênero e ambiente no Pantanal**. Os eventos foram conduzidos por especialistas nacionais e internacionais nos temas apresentados.

Debates urgentes em tempos de **COVID-19** e que foram repercutidos nas redes sociais de várias pessoas e organizações, a partir das transmissões ao-vivo realizadas pelo [Facebook da Ecoa](#).

Para que possam ser sempre revisitados, devido à sua importância socioambiental, estes foram disponibilizados na íntegra das apresentações neste documento e também no [site da Ecoa](#).



*Live transmitida pelo Facebook da Ecoa em junho de 2020. Mulheres, territórios e meio ambiente por Ela.
+Lançamento do Informe Nacional de Gênero e Conservação Ambiental no Cerrado e Pantanal.*

MULHERES, TERRITÓRIOS E MEIO AMBIENTE POR ELAS. + *LANÇAMENTO DO INFORME NACIONAL DE GÊNERO E CONSERVAÇÃO AMBIENTAL NO CERRADO E PANTANAL.*

Este debate foi promovido pela Ecoa, CerraPan – Rede de Mulheres Produtoras do Cerrado e Pantanal, Rede Pantanal, Observatório do Pantanal, Projeto ECCOS, IEB – Instituto Internacional de Educação do Brasil/CPEF Cerrado – Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos, Rede Cerrado, Action Aid e pela Campanha Nacional em Defesa do Cerrado.

CONDUZIDO POR

Nathália Ziolkowski – Socióloga, Mestre em História das Mulheres, pesquisadora da Ecoa – Ecologia e Ação, secretariando a CerraPan e integrante da coordenação da Rede Pantanal – Núcleo Rede de Mulheres.

Preta (Rosana Sampaio) – Agricultora familiar, agroextrativista e atual Diretora do Ceppec – Centro de Produção, Pesquisa e Capacitação do Cerrado, que é uma das organizações fundadoras da Rede Cerrado, além de ser uma das coordenadoras da CerraPan – Rede de Mulheres do Cerrado e Pantanal.

Beth Cardoso – Agrônoma e Mestre em Agroecologia. Feminista, extensionista rural e pesquisadora. Coordenadora Técnica do CTA/ZM – Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata e integrante da coordenação do GT Mulheres da ANA – Articulação Nacional de Agroecologia.

Romy Cronembold (Bolívia) – Engenheira comercial, pós-graduada em áreas protegidas, gestão territorial e gestão de riscos de desastres. Atua há 12 anos na concepção e implementação de projetos de desenvolvimento sustentável na FCBC –

Fundación para la Conservación del Bosque Chiquitano. Membro do Comitê de Gênero da Fundação.

Graciela Rodriguez – Agrônoma e Socióloga de formação, feminista, Coordenadora do Instituto EQUIT – Instituto Gênero, Economia e Cidadania Global, pesquisadora da Rede de Gênero e Comércio, que acompanha os acordos comerciais e de investimento. Membro da REBRIP – Rede Brasileira pela Integração dos Povos e integrante da AMB – Articulação de Mulheres Brasileiras.

REDE DE MULHERES PRODUTORAS DO CERRADO E PANTANAL

Nathália Ziolkowski (Ecoa) apresentou:

As comunidades que integram a Rede **CerraPan**:

- Barra do São Lourenço.
- Antonio Maria Coelho.
- Apa da Baía Negra.
- Porto da Manga.
- Porto Esperança.
- Assentamento Bandeirantes.
- Assentamento Andalucia.

“As prioridades da CerraPan são elencadas em diálogos das próprias mulheres das comunidades, baseadas em suas necessidades:

- Agenda política: **direitos humanos, direitos políticos**, infraestrutura.

- Agenda de produção: questões jurídicas e fiscais; acesso ao mercado.
- Agenda de **conservação**: sustentabilidade nas atividades, atenção às mudanças climáticas.

O desafio é o apoio direto para manter encontros, suporte para manter a comercialização de seus produtos, financiamentos para melhorar suas atividades, dificuldades de mobilidade devido à baixa renda das famílias, que têm renda mensal média de um salário mínimo.

Papel das mulheres: grupos organizados e grupos mistos em que mulheres estão à frente, grupos alinhados à sociobiodiversidade”.

Preta (Diretora do CEPPEC):

Destaques das falas da Preta, foram:

- O trabalho com **extrativismo sustentável** e com a distribuição de renda. Agora é um momento de repensar.
- **Mulher assentada** vive a conjuntura que a **agricultura familiar** tem enfrentado.

“A semente é uma extensão da atividade familiar. Ao selecionar uma semente e valorizar a importância do cultivar, a gente pensa sempre que estamos garantindo a existência humana. A gente planta e cuida. Não só levar à mesa, mas também pensar na existência dos que virão depois”, Preta.

“A continuidade da agricultura familiar está condicionada ao dom de ser protetora da vida; isso está dentro de nós, mulheres. Quando plantamos uma espécie nativa, quando isolamos uma nascente, a gente gostaria de ter a vida valorizada no mundo todo.

Pedimos um freio do acúmulo no mundo em prol da vida futura. Existem algumas mensagens da natureza gritando; o grito ‘eu não posso respirar’ é o modelo como estamos gerindo esse planeta, gerindo a sociedade, temos que pensar um modelo como uma vida; estamos prestes a um colapso porque esse modelo de vida está destruindo nossa própria existência.

Precisamos construir nossos projetos de vida. As relações de sociedade não são sobre bens duráveis; mas a doação de nosso tempo e nosso conhecimento sem precisar esperar que se derrube a última floresta, que sequem os últimos rios”.

*“Que a gente possa partilhar
Que as comunidades importam
Que as pessoas tenham água limpa
Que as pessoas tenham alimentos livres de agrotóxicos
Que a gente possa repensar e mudar nossas práticas”, Preta*

MULHERES NA CONSERVAÇÃO E DEFESA DOS TERRITÓRIOS

Beth Cardoso (CTA/ZM):

“As mulheres têm um papel fundamental na **defesa dos territórios**, na defesa do meio ambiente e na construção da agroecologia. As mulheres são as guardiãs da biodiversidade. As mulheres guardam e doam a semente:

- do feijão que cozinha melhor.
- da abóbora menos fibrosa.
- sementes de valor sentimental que leva a tradição das famílias.

As mulheres têm o papel de cuidado com a alimentação das famílias.

As mulheres na agricultura estão muito preocupadas com o alimento, por isso geram mais diversidade. Para as mulheres, o modelo da agroecologia é mais sólido do que o agronegócio, mais voltado à monocultura.

As mulheres sabem que o agronegócio causa morte de um sistema tradicional de uma agricultura camponesa e também a morte pelo veneno.

Mulheres também trabalham pela proteção por meio do extrativismo sustentável.

Os babaçuais ainda existem graças às quebradeiras de coco.

As mulheres também estão na luta em defesa de plantas medicinais e outras que servem como alimentos.

As mulheres conseguem conservar por meio do extrativismo sustentável em vez de derrubar as árvores.

É importante dar visibilidade ao trabalho das mulheres.

Uma pesquisa nacional mostra o papel fundamental na geração de renda para as famílias a partir do autoconsumo que a economia clássica não reconhece como renda.

As famílias produzem o que consomem no dia a dia, o que evita êxodo rural. As famílias se mantêm pela produção para autoconsumo.

As mulheres da zona da Mata têm uma **caderneta agroecológica** em que colocam ali tudo que foi para o consumo, para venda e para troca e para doação, valorizando outras relações econômicas que são fundamentais para o território e manutenção das relações: doam para festas, doam para a escola. Se somar, essa renda supera a renda do café. Se não fosse produção para autoconsumo, não haveria agricultura familiar.

Romy Cronembold (FCBC):

“O Bosque Seco Chiquitano faz fronteira com o Brasil, tem problemas como desmatamento e incêndios florestais. Esses problemas afetam as comunidades e as

mulheres. Uma das regiões com mais altas taxas de desmatamento do mundo. Alguns dos problemas são:

- Migração.
- Abandono familiar.

A FCBC trabalha em 3 áreas:

- Conservação
- Sustentabilidade
- Recuperação

A FCBC (*Fundación para la Conservación del Bosque Chiquitano*) encontrou nas chiquitanas aliadas naturais para a conservação, mas também valorização da biodiversidade. Dessa forma, as mulheres foram beneficiadas pela instituição com melhoramentos de cozinhas, acessos à água potável, turismo comunitário, equipamento de combate a incêndios florestais e capacitação; intercâmbio de experiências...

- Aproveitamento e comercialização de produtos florestais não madeiráveis.
- As mulheres se sentem reconhecidas em seu trabalho.
- As mulheres têm uma relação especial com o Bosque.
- Identificação de mais de 60 espécies nativas com aproveitamento econômico.

Brasil e Bolívia têm muitos frutos em comum no Cerrado. Produtos de destaque na Bolívia: baru, copaíba e babaçu (cussi).

Os desafios:

- Mulheres vivem em comunidade isoladas.
- Mulheres têm pouco acesso à informação.

Tem o desafio de criar cadeias de valor, integração, empoderar-se para lutar por seus direitos, ameaças ambientais; não há voz das mulheres frente ao agroextrativismo industrial, pouca participação em esferas públicas.

É difícil, mas estamos trabalhando para também apoiar comunidades locais e autoridades para enfoque de gênero”.

Graciela Rodriguez (Instituto EQUIT):

“Estamos passando do sistema capitalista para outra coisa que não sabemos bem o que é: **economia digital, inteligência artificial...** e desafios enormes. Talvez o maior seja a **mudança climática**. O clima está determinando que devemos ter outro olhar sobre a natureza. É impossível usá-la como até agora fizemos.

Homens e mulheres repensem a base da relação com a natureza, mas também temos que refletir sobre esse ‘por quê’, qual a relação que queremos superar?

Esse modelo de domínio da natureza está se mostrando fracassado. Avanços da Direita estão acabando com direitos conquistados no Ocidente.

Não é por acaso que o fascismo e os **movimentos antidemocráticos** estão se fortalecendo. Estamos lutando com o capitalismo que precisa manter sua hegemonia e os EUA estão com necessidade de retomar sua autonomia debilitada devido ao avanço da China.

Os Estados Unidos da América precisam de países da América Latina comprometidos com essa hegemonia. Por isso têm crescido o fascismo para impor a dominação da natureza e da força de trabalho.

O capital, quando está em perigo e perdendo força, se faz mais violento para ter uma forma de garantir a acumulação capitalista e das riquezas que vêm sendo debilitadas sobre a perda dessa hegemonia.

A **financeirização da economia** é um modelo de produção. Cada vez mais as elites estão ligadas em uma atitude rentista sobre os territórios para garantir as riquezas agrícolas e de minerais ligadas às cadeias globais e no mercado financeiro internacional.

Financeirização da natureza para se entender o fenômeno Bolsonaro, exploração das pessoas a partir de mecanismos bancários e de endividamento, força de trabalho sai de assalariado para a informalidade.

As mulheres conhecem a informalidade desde sempre...

E a **pedagogia da crueldade**... O aprofundamento do neoliberalismo é incompatível com a democracia. Perda de poder dos países sobre as políticas nacionais cada vez

mais dominadas pelas lógicas comerciais vai desenhando países que não podem garantir sua soberania.

Esse momento tem haver com isso, enfraquecimento da democracia. Elite do país, setores militares e da imprensa têm dado golpe na democracia contra a legislação trabalhista, de proteção ambiental, às mulheres e conquistas de gênero, ataques à população negra e genocídios nas periferias, está ligado a esse cenário internacional e à corrosão da democracia e avanço das formas fascistas e cruéis e brutais no mundo ocidental.

Essa política leva:

- Desmonte e reforma profunda do Estado para acabar com as leis progressistas relacionadas ao social como Previdência e salário mínimo.
- Acoplar economia do Brasil e da América Latina à recuperação da hegemonia norte-americana.
- Criminalização dos movimentos sociais.

As mulheres estão à frente das maiores lutas ambientais desse país. Exemplo: babaçu com a lei do babaçu livre, mulheres pescadoras, mulheres que lutaram pelo rio Xingu, mulheres que lutaram pela Água em Manaus, que o Governo privatizou.

Linha ecofeminista: continuar refletindo sobre os elementos dessa luta e dessa relação das mulheres com a natureza”.

***O informe nacional de gênero e conservação ambiental no Cerrado e Pantanal
lançado durante este evento, está disponível em:***

[Site Ecoa](#)

Este evento on-line está disponível em:

[Facebook ECOA](#)